



MISANTRÓPOLIS
4 poemas por assim dizer

Isadora Machado¹

[até-eu]

do alto de minhas duas torres,
desemboco o ser do tempo.
tenho em mim os animais:
gálagos, gatos, serpente.
todos os nomes eu tenho.

e isso porque a Palavra,
- esse ser
é castelo de vários vitrais.
feita, assim, de soslaio,
é força de toda natureza.

báscula de várias janelas imensas,
o verbo, todo-em-si, é ação.

de porta em fresta,
esmigalha o que se diz abstrato,
e faz da queda dura pena.

meu Poema é significativa.
mas a significação, toda-ela,
é devir do tempo.

não creio no que não vejo
pois, midas da retina,
tudo o que meu olho toca
- é matéria da história.

¹ Isadora Machado é artista da fome, escritora em m-isantropolis.blogspot.com e mestrandanda em Ciências da Linguagem pela Unicamp/CNPq. E-mail: ultimaflordolacio@gmail.com



[alterofagia]

passado:

prefiro quando passa por bife.

pois, quando não, é prisão.

- pago por peso, mas nego o perigo.

tateio o tácito, e faço a p(arte) que toca.

desejo o proibido como desejam,

mas não o encontro.

[diabos, eu não o encontro!]

já até fui tido como perdido:

maldita merda que cruza o caminho;

degenera o campo em que anda,

gera o joio, o jugo, o juízo.

- é que me arde na carne a angústia de fome de carne: outrofagia.

entre tantos, pôr-me óbvia com tudo.

por toda via, pôr-em cada pessoa um lugar

(um mundo!)

- este, meu único presente possível.

de repente, arrependo-me por um instante,

e meu bisavô me diz:

- Das Werden schleppt das Gewesensein hinter sich her.



[phármakon]

peripécias nas carícias nunca foram inovação;
a ternura nos incidentes estaria sempre prevista.

mola de toda gangrena da alma,
se faria todo-presente o descaso do afeto.
carinho sem rima seria,
todavia, por toda rua,
perder-se no impossível da língua.

e eu, no entre-sem-meios,
via de exceção seria doce veneno.

logos eu, que odiaria *ad perpetum*
este futuro do pretérito, só por ser imperfeito.
logos eu, [*tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil*].

phármakon a destilar palavra:
me faria continuamente bálsamo,
far-me-ia perdida-peçonha.

espraiamento do discurso,
toxina do *logos*:
haverá sempre estilhaços do fim.



[dicionário]

trôpego de tanta ausência,
me detenho sóbrio para tentar o acaso e,
mudo de tanta cegueira, me ponho lépido a atormentar o caos.
- afagar a embriaguez do sol, perscrutar o infinito da plêiade da forma.

atentar para o sombrio da presença,
e provocar a reverberação no nada terrestre.
perene, atenciar para o ébrio das coisas
e, sozinho, codificar o mar.

permitir a longevi[r]tude, a latitude, a plenitude
e, paraíso do tempo, ser o próprio ponteiro na vida:
- da dor domar o passo, do riso medir o santo.

do ser, nem o que for sereno;
do verdadeira, só o mente.

estragável sempre, deserto:
- ter na vida a razão nômade da senda.

Recebido em: 29/06/2010

Aprovado em: 23/08/2010

Referência eletrônica: MACHADO, Isadora. Misantrópolis – 4 poemas por assim dizer. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n.5, pp. 125-128, Out. 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoocritica/dmdocuments/10CC_N5_IMachado.pdf>